

Eje: Enfoques teórico-metodológicos de la Geografía/Turismo

EXISTE UMA GEOGRAFIA DO TURISMO?

Valéria de Meira Albach¹

José Manoel Gonçalves Gândara²

Universidade Federal do Paraná

INTRODUÇÃO

A presente abordagem tem o intuito de apresentar informações para a discussão de uma classificação dos estudos do Turismo na ciência geográfica. A produção acadêmica nesta área vem tornando-se expressiva e esta realidade pode ser observada nos programas de pós-graduação em Geografia e em Turismo, além de eventos diversos e revistas científicas pelo mundo.

A polêmica sobre o caminhar das “novas Geografias” estende-se para outros temas como por exemplo, a “Geografia da Saúde”, a “Geografia das Religiões”, a “Geografia da Percepção” que são desmembramentos de estudos da geografia humana e da mais aceita Geografia Cultural. Na opinião de diversos pesquisadores da área (ALBACH, 2010) a geografia não necessita dessas classificações, sendo que a divisão em física e humana resolve qualquer problema de direcionamentos de estudos, contanto que possuam principalmente um recorte espacial para serem estudos geográficos. Assim, podem-se desenvolver os estudos geográficos sobre o Turismo que já ocorrem em larga escala, pois este fenômeno socioeconômico já é investigado há anos na Geografia, assim como as questões do veraneio, do lazer, do ócio e do tempo livre tão abordadas por pesquisadores do Turismo.

Assim, o objetivo primordial deste artigo é analisar a existência da Geografia do Turismo como área independente dentro da Geografia. Para tanto se utiliza de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, Brasil. Mestre em Geografia e Graduada em Turismo. Docente e consultora da área do Turismo. Sócia da Superagui Planejamento Turístico. E-mail: val.albach@gmail.com

² Doutor em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Lás Palmas de Gran Canária. Mestre em Gestão do Turismo pela SSCTS de Milão e Graduado em Turismo pela UFPR. Professor e Pesquisador do Departamento de Turismo da UFPR. Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR. E-mail: jmggandara@yahoo.com.br

pesquisa bibliográfica para construir uma abordagem histórica que venha ajudar em uma classificação para essa possível Geografia do Turismo. Propõe-se também um esquema para a compreensão do espaço turístico, sendo o espaço a principal categoria de análise na Geografia, o espaço turístico vem caracterizar esta sub-área.

O ESTUDO DO TURISMO NA GEOGRAFIA

A existência de uma área específica para a inserção do Turismo na ciência geográfica é polêmica. Há a preocupação pela utilização de nomes que segmentem ou não as áreas específicas dentro de uma ciência. Uma contextualização histórica pode ajudar neste posicionamento da necessidade de uma classificação.

Desde o século XIX o fenômeno turístico desperta interesse nos geógrafos. A partir dos anos 50 do século XX as teorias do espaço turístico são desenhadas.

É possível encontrar menção sobre esse fato em clássicos como Kohl (1808-1850). Hettner (1859-1941) e Hassert (1866-1947) que encontravam dificuldades em estabelecer o que era o espaço turístico (LUIZ GÓMEZ apud VERA *et al*, 1997).

Na literatura do turismo, Jovicic (apud Rejowski, 1996) registra no início da década de 1870 o primeiros trabalhos sobre esse tema, grande parte deles tratando de Geografia e Economia.

Wolf e Jorckzek (apud Rejowski, 1996) analisando a evolução do turismo na Alemanha, situam no começo de 1900 seus primeiros estudos com enfoque geográfico:

Nas obras do turismo o enfoque geográfico destaca-se, como cita Rejowski (1996): *Die Bedeutung des Fremdenverkehr* (A importância do turismo), de Brougier, em 1902, e *Der Fremdenverkehr* (O Turismo) de Stradner, em 1905, sendo este autor que introduziu o tema Geografia do Turismo na terminologia científica da atividade. Sputz, em 1919, com a *Die Geographischen Bedingungen und Wirkungen des Fremdenverkehrs* (Condicionantes geográficos e efeitos do turismo) foi um dos primeiros autores a relacionar as viagens turísticas ao deslocamento espacial. Sendo que Sputz:

Refere-se à “onda de estrangeiros que todos os anos se desloca em um país”. Por outro lado, entende o turista como parte integrante da paisagem, provocando modificações nos relacionamentos culturais, sociais e

econômicos dos países visitados que se refletem sobre paisagem na qual ele (o turista) se integra (REJOWSKI, 1996, p. 15.)

VERA *et al* (1997) comentam que nos anos de 1940 a Geografia do Turismo aparece como parte da Geografia do Transporte e das Comunicações. No Reino Unido, desde 1965 a recreação era um tema tratado pelos geógrafos ingleses, e aspectos turísticos apareciam nas obras de Geografia Geral.

Para Pearce (2003) Defert em 1966 foi um dos primeiros geógrafos franceses a prestar uma destacada contribuição à geografia do turismo:

Escreve sobre um *espace distance* (distância) que separa a residência permanente da residência sazonal, e sobre o *espace milieu* (espaço do meio), onde os turistas passam suas férias. Na década seguinte, Miossec (1976) fala do *espace parcouru* (espaço percorrido) e de um *espace occupe* (espaço ocupado) como envolvendo um *lieu de déplacement* (lugar de deslocamento) e um lieu de séjou (lugar de estada) (PEARCE, 2003, p. 26).

Para Pearce (2003), o Turismo é a extremidade de um amplo aspecto do lazer. O autor cita que nos anos de 1960 haviam estudos ideográficos focados em uma parte do sistema turístico: o destino. Ele buscou olhar o sistema como um todo acreditando que a pesquisa geográfica pode contribuir ao planejamento, desenvolvimento e gerenciamento da relação: origem – ligação – destino. Pearce preocupou-se com modelos que pudessem esclarecer essa relação no espaço turístico.

Nos anos de 1970 e 1980 há o desenvolvimento da Geografia do Ócio e do Turismo, com especial foco na recreação fundamentada nos espaços rural e natural (VERA *et. al.*, 1997).

A Geografia é uma ciência de abordagem plural, haja vista seus ramos crítico, cultural, humanista, pragmático e clássico (PEARCE, 2003).

Como em outros ramos da Geografia, o estudo espacial das atividades turísticas foi passando progressivamente por um tratamento descritivo e outro explicativo, passa de uma fase ideográfica (como citado por Pearce) a outra que coloca em destaque a busca de leis gerais para estabelecer uma teoria do espaço turístico, como pode-se observar nesta classificação de Vera *et. al* (1997):

- a) Geografia Clássica – desde o naturalismo ou determinismo até o possibilismo historicista francês e a tradição corológica alemã, o objeto de estudo se centra

nas influências que os fatores físicos e antropogeográficos têm sobre o aparecimento e desenvolvimento do turismo.

- b) Geografia Neopositivista – busca as regularidades existentes e a distribuição de fenômenos espaciais, sendo que o Turismo e a recreação foram campo de provas para o neopositivismo, um exemplo foi Christaller (1955) apud Vera et. al (1997): com a teoria dos espaços centrais. Pode-se dizer que nesta Geografia neopositivista começou a teorização a partir dos anos de 1970 do ócio e do turismo e sua produção econômica e na organização do espaço.
- c) Nova Geografia (Geografia Radical (Crítica), Geografia Humanista, Nova Geografia Regional etc.) – renega o pensamento positivista (reducionista e formal) que vem considerar os comportamentos espaciais como a expressão concreta das necessidades reais de determinados grupos humanos no campo do ócio. Mas, a Geografia Humanista (anos de 1980) não se destacou na sistematização teórica do espaço turístico. A nova dinâmica da sociedade pós-industrial afeta os novos comportamentos turísticos.
- d) Geografia Pós-modernista – influi no pensamento de planejamento e apreensão e estudo do fenômeno turístico, e acaba por influenciar os fundamentos da Geografia do Turismo e sua perspectiva evolutiva.

Vera *et al* (1997) destacam que hoje coexistem uma diversidade e pluralidade de análises das atividades do ócio e do turismo que se acentuam a partir dos anos de 1970, quando o ecletismo nas ciências sociais se faz evidente.

Os autores criticam que há pouca atenção das análises de correntes internacionais de turistas. A ampliação da discussão da temática dentro da Geografia aconteceu a partir dos anos de 1980 com avanço nos aspectos conceituais e metodológicos. Vera *et. al.* (1997) citam Smith (1983), Shaw e Williams (1988), Burton (1991) e Pearce em diversas publicações.

Um momento histórico para a pesquisa em Turismo e Geografia considerado por Vera (1997) foi a criação, em 1972, do Grupo de Trabalho de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação dentro da própria União Geográfica Internacional (UGI). O reconhecimento da relevância do tema pela UGI culminou em 1980, quando passou de Grupo, à Comissão de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação e, na atualidade, a Comissão de Geografia do Turismo, Recreação e Mudança Global.

No Brasil, segundo Castro (2006, p. 168) as décadas de 1970 e 1980 marcam as primeiras reflexões e teorizações acadêmicas pelo olhar do geógrafo pesquisador

em Turismo. Nesse mesmo momento os centros acadêmicos europeus vivem o auge dessas tematizações em teses e trabalhos empíricos. Assim como nos Estados Unidos, no Canadá, na Nova Zelândia e na Austrália.

Para Vera *et. al.* (1997) o desenvolvimento de propostas metodológicas para o estudo geográfico do ócio, e particularmente do Turismo, foi acontecendo ao mesmo tempo do desenvolvimento dos paradigmas de disciplinas como: antropogeografia, fisionômico, morfogenético, geográfico-paisagístico, e social-distancial, espacial.

Rodrigues (2001, p. 95) destaca que “a Geografia do Turismo serve para alimentar e irrigar a reflexão na Geografia”. O contrário também é válido – é necessário aprofundar-se na reflexão geográfica para entender o fenômeno no turismo, contemplando sua natureza complexa e multifacetada, percorrendo os campos ecológico, sociológico, antropológico, psicológico, cultural, político, jurídico, ideológico com significativas incidências espaciais.

Rejowski (1996, p.19) apresentando as disciplinas que se relacionam diretamente com o Turismo destaca que: “a Geografia é uma das poucas disciplinas em que o Turismo tem sido reconhecido como área de interesse e, como tal, vem sendo estudado sob a denominação de Geografia do Turismo, Geografia Turística, Geografia da Recreação ou Geografia Recreacional”.

Para Coriolano e Mello e Silva (2005, p.21) “a Geografia é a ciência do espaço e o Turismo concretiza-se nos espaços geográficos”. Por meio dela, é possível compreender as singularidades dos lugares onde se habita e onde se faz turismo, saber o que o diferencia e aproxima os seres humanos, entender as formas de relações socioespaciais, ou como diferentes sociedades interagem com a natureza nessa construção.

Para estes autores “a incumbência da Geografia do Turismo é ler o mundo, explicar e interpretá-lo, para entender a mobilidade dos fluxos turísticos” (CORIOLANO E MELLO E SILVA, 2005, p.22).

Também Dencker (1998) apresenta a Geografia como área multidisciplinar do Turismo principalmente para análise a partir da perspectiva do espaço: fluxos, redes de transporte e entorno ambiental.

No Brasil, um marco da pesquisa da Geografia do Turismo foi O Seminário Internacional “Sol e Território” em 1995 que reuniu pesquisadores latino-americanos e europeus. Desse evento foram gerados três livros, publicados pela Editora

Hucitec: “Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais”, organizado por Adyr A Balastrieri Rodrigues; “Turismo: impactos socioambientais”, organizado por Amália Inês G. de Lemos; e “Turismo: espaço, paisagem e cultura”, organizado por Eduardo Abdo Yásigi, Ana Fani Alessandri Carlos e Rita de Cássia Ariza da Cruz. Este evento deu origem ao I Encontro Nacional de Turismo com Base Local - ENTBL, em 1997 que em 2010 realizou o décimo primeiro Encontro.

Pelo andamento das pesquisas e eventos na área, além da quantidade de pesquisadores envolvidos com o tema, acredita-se que se pode compreender uma Geografia do Turismo.

CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA EM GEOGRAFIA E TURISMO

No âmbito da pesquisa científica, a Geografia segue se questionando, e Corrêa (2005) discute sobre os diversos momentos que a Geografia, como campo do conhecimento, passou, desde a fase descritiva até a fase analítico-crítica, e posiciona que todas as ciências sociais³ tiveram que se redirecionar, caso contrário “morreriam se permanecessem congeladas, sem contradições, sem embates, incapazes de formularem questões diferentes a respeito do mundo real”. As transformações fazem parte de um movimento natural.

Para Corrêa (2003) a pesquisa em Geografia deve ter recorte temático, espacial e temporal. O recorte espacial é fundamental, mas não exclusivo da ciência geográfica, e está diretamente ligado a escala cartográfica e conceitual. Para o autor, as representações, como a Cartografia, também são essenciais na pesquisa em Geografia independente das várias faces possíveis desta área de conhecimento. O trabalho de campo, segundo Corrêa (2005) constitui “um dos principais meios através do qual o geógrafo aprende a ver, analisar e refletir sobre o infindável movimento de transformação do homem em dimensão espacial”.

Gerardi e Silva (1981) compreendem por ciência um método de estudo, forma de construir um “modelo de realidade, supervisionado e manejável”, envolvendo fenômenos naturais ou humanos, ou uma combinação entre esses. Na Geografia há a preocupação com a análise dos processos de organização socioambiental relacionados a uma perspectiva espacial. As autoras destacam a

³ Alguns autores não consideram a Geografia dentro das ciências sociais, a opinião exposta é de Roberto Lobato Corrêa e é compartilhada pelos autores desta abordagem.

necessária relação com outras disciplinas para a Geografia atingir seus objetivos em investigação científica.

Santos (1998)⁴ acredita que a transformação da sociedade industrial em sociedade informacional ainda não se completou, com isso, a compreensão do presente e do futuro é dificultada e representa a dinâmica desses tempos. Os modelos de análise devem ser tão dinâmicos quanto à sociedade que passa por profundas e rápidas mudanças. Com um olhar geográfico para a pesquisa do espaço humano.

Panosso Netto (2005) defendendo o Turismo como um fenômeno de experiências vividas de formas distintas por seus atores, tanto pelos turistas como pelos empreendedores, crê que toda “elocubração teórica visa apenas compreender esse fenômeno, mas não construí-lo; visa explicar e interpretar, mas não criar” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 31). O autor ressalta a importância de uma epistemologia do Turismo que aplique o modo de interpretação no conhecimento construído que se tem do Turismo.

Para Dencker (1998) a simples observação dos fatos não serve a um caráter científico do Turismo, deve se apoiar no método e considerar seu caráter fundamentalmente multidisciplinar. A pesquisa no Turismo é indispensável para, por exemplo, visualizar a liderança de mercados e para determinação de futuros alternativos dentro da vocação específica de cada país. A OMT (2005) indicando o que é importante pesquisar em Turismo refere-se também ao mercado e evidencia três pontos: entender eventos que são produzidos no setor para auxiliar pessoas e instituições com poder de decisão, produzir relatórios sobre a realidade atual e realizar estudos que busquem contribuir para a competitividade de destinos e empresas turísticas.

Moesch (2002) critica que as reflexões acerca do Turismo se processam a partir dos fatos, principalmente econômicos, e que acabam por constituir um “fazer-saber” e não no “saber-fazer”. E compreendendo que o fenômeno turístico tem consequências amplas na sociedade, sendo até mesmo um direito do cidadão, há a necessidade de se tornar mais efetiva e científica a pesquisa em turismo, ampliando as possibilidades de análise, considerando o complexo enfoque sistêmico do Turismo.

⁴ Texto original de 1994.

Santos (1998) destaca que com a globalização as possibilidades e necessidades da interdisciplinaridade se tornam mais eficazes. O estudo do espaço assume papel privilegiado, pois “ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam” (SANTOS, 1998, p. 122). A visão sistêmica pode recuperar a totalidade e assim, compreender uma época.

A relação fundamental nas pesquisas em Geografia e Turismo se dá no espaço turístico. Elementos do espaço geográfico e do espaço turístico acabam por compor as temáticas de pesquisas afins em Geografia e Turismo, evidenciando a necessária e positiva constituição de um caráter multi e interdisciplinar.

TEMAS QUE COMPÕEM UMA GEOGRAFIA DO TURISMO

Esta Geografia do Turismo, para se estabelecer, necessita designar quais são seus temas de estudo. Percebe-se que estes se transformam ao longo dos tempos.

Vera *et al* (1997), de forma simplificada, classifica as temáticas da Geografia do Turismo desenvolvida por países ao longo dos tempos:

- Alemanha: prioridade a aspectos morfológicos (paisagem) e sociais.
- França: turismo internacional, modelos de pequena e grande escala.
- Estados Unidos e Reino Unido: recreação em áreas rurais e naturais e generalização dos temas de planejamento.

Alguns exemplos de aplicação de Geografia no Turismo: identificação e análise de regiões turísticas funcionais; previsão do volume de viagens entre origens e destinos (JAFARI E RITCHIE, 1981 apud REJOWSKI, 1996).

Para Coriolano e Mello e Silva (2005) os temas relacionados ao estudo dos espaços turísticos são: espaço geográfico, organização espacial, tempo, espaço rural e urbano, lugar, território, territorialidades, território turístico, desterritorializar e reterritorializar, paisagem, produção espacial, técnica, natureza, patrimônio histórico e artístico, sentimento de patrimônio, comunidade, turismo comunitário, arranjo produtivo, litoral, região, regionalização, cidade, cultura, mundo, local, população, rede, relação sociedade/natureza e unidade geoambiental.

Para Rodrigues (2001) o estudo desta Geografia do Turismo não pode ser meramente descritivo, o Turismo começou a buscar na Geografia estes subsídios, mas os conteúdos analíticos acabam por se sobressair.

Os exemplos de conteúdos são: dimensão espacial do turismo; fundamentos geográficos do turismo; ecoturismo; turismo ambiental; meio ambiente e turismo; gestão ambiental; avaliação de impactos ambientais em áreas turísticas; turismo, espaço, paisagem; turismo: potencialidades e impactos; estrutura e planejamento de unidades de conservação; ecossistemas brasileiros: potencialidades e conflitos; turismo e desenvolvimento sustentável; planejamento e gestão sustentável do turismo; dentre outros.

Para Pearce (2003) existem seis eixos que compõem as discussões mais importantes da Geografia do Turismo:

1. Os padrões de distribuição espacial da oferta.
2. Os padrões de distribuição espacial da demanda.
3. A geografia dos centros de férias (veraneio).
4. Os movimentos e fluxos turísticos.
5. O impacto do turismo.
6. Os modelos de desenvolvimento do espaço turístico.

Palhares apresentando a obra de Pearce (2003 – atualização de 1995) comenta que para o autor, a Geografia do Turismo apresenta os fluxos de viagens (internacional e doméstico) e as diferentes estruturas espaciais (nacional, regional, ilhas, áreas costeiras e urbanas). Na opinião de Palhares o estudo da geografia do turismo no Brasil está mais alicerçado em uma ênfase descritiva e Pearce (referência do tema) convida as pessoas ao raciocínio.

Cazes (1992 *apud* VERA et. al, 1997) propõe como fios condutores da Geografia do Turismo:

1. A temática da distribuição da atividade turística no espaço (comportamentos da demanda, estratégias de localização, problemas de distância etc.)
2. A temática da produção espacial turística (representação, percepção, formas, modelos de ordenação, paisagem construídas etc.)
3. A temática sobre a articulação espacial do sistema turístico com o sistema local (processo de turistificação, impactos no território etc.)

O avanço do estudo da Geografia do Turismo pode se fortalecer na categoria espaço, tendo a compreensão do espaço geográfico para se compreender o espaço turístico.

O ESPAÇO TURÍSTICO

A teoria de análise do espaço vem da Geografia caracterizando o espaço geográfico, o principal objeto desta ciência. O ambiente de relações do homem imprimindo seu modo de vida, seus anseios e suas necessidades na paisagem. O espaço geográfico é definido como sendo a superfície da Terra enquanto morada, potencial ou de fato, do homem, sem o qual tal espaço não poderia sequer ser pensado.

Uma representação por meio de fotografias, mapas, imagens de satélite pode oferecer as bases necessárias para se iniciar a análise de um certo espaço geográfico. Para Santos (1998), este pode ser lido por quatro dimensões: forma, função, estrutura e processo, todos interligados e que necessitam além do olhar do observador, um resgate histórico que aprofunde e possa configurar a análise. Para ele o espaço é como um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

Para definir um espaço turístico a pré-definição do espaço geográfico pode ser valiosa, haja vista que aprofunda o estudo em relações que são ou podem vir a ser de uso para o planejamento e organização da atividade turística. Oferece elementos para se pensar no equilíbrio dos impactos do Turismo em seus aspectos sociais, ambientais, políticos e econômicos. Além de favorecer a utilização de elementos de interpretação e valorização de fatos históricos. Para Castrogiovanni (2000) a ordenação turística é a busca conveniente dos meios existentes no espaço para a realização ótima de propostas referentes às atividades turísticas.

As pessoas (visitantes/turistas) tendem a se interessar cada vez mais pelas histórias antigas e recentes, por informações diferenciadas que provoquem experiências únicas e especiais (conceito da economia da experiência).

Um espaço turístico reflete as interações do homem com as viagens e as estruturas necessárias para as mesmas, esse possui sua forma, sua função, sua estrutura e seu processo, e em diversas vezes em macro escala. Se houver a

reflexão que o turismo espacial ou sideral ⁵ já é um fato, percebe-se que a forma, por exemplo, urbana ou rural, já não será suficiente para caracterizá-lo. Por agora, esta definição de forma do espaço basta, para nelas se diferenciarem práticas de turismo que necessitam das estruturas existentes para se realizarem (estruturas e serviços em áreas urbanas e rurais – espaço urbano e espaço rural).

O turismo vale-se das características do espaço geográfico (urbano ou rural) para seu desenvolvimento, e pode contribuir para a (re)produção deste espaço, de acordo com as especificidades da atividade turística praticada. O espaço geográfico para ser um espaço turístico, deve considerar as informações de outras ciências (Economia, História, Sociologia, Antropologia etc) para “delimitar” e caracterizar as atividades turísticas que são ou que serão implantadas.

As teorias e discussões do espaço turístico comumente utilizadas nas pesquisas brasileiras são a de Boullón (arquiteto argentino que a elaborou na década de 1980) e as reflexões de Rodrigues (geógrafa estudiosa de Turismo) que tem por base a teoria do espaço geográfico de Milton Santos.

Conforme Boullón (2002, p. 79),

O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do Turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infraestrutura turística, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país.

Para Rodrigues (2001) o Turismo é complexo e na definição do espaço turístico devem ser observadas, principalmente, as áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (receptoras), pois são nelas que se manifesta materialmente o espaço turístico. Rodrigues embasa-se em Milton Santos para definir o espaço turístico com base no estudo do espaço geográfico. Assim, os elementos que compõem o espaço são: os seres humanos/sociedade), as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas. Vale ressaltar, que estes se relacionam e se confundem, sendo importante estudá-los em um sentido de totalidade.

⁵ Turismo que pode ser realizado com naves espaciais para observações fora da Terra. Atualmente o turismo espacial está aberto apenas a indivíduos excepcionalmente ricos, e o transporte é assegurado pelo programa espacial russo, através de um acordo comercial com a empresa norte-americana “Space Adventures”.

Rodrigues (2001) defende que o espaço turístico, como todo espaço geográfico, não pode ser concebido por fronteiras euclidianas (exatas e precisas), mesmo porque, existem elementos externos como a demanda.

Como os elementos do espaço turístico são diversos, os instrumentos para seu planejamento devem contemplar todos com visão holística e sistêmica, de um processo que recebe influências internas e externas para se apresentar como fenômeno turístico.

A teoria dos sistemas é útil para a compreensão do turismo como fenômeno complexo. A idéia de mecanismo com entradas e saídas de “energias” que o movem, serve para se perceber que o espaço turístico é bastante dinâmico, e que cabem leituras específicas às suas realidades observadas.

Ousa-se estabelecer um esquema síntese para se entender quantas variáveis compõem um espaço turístico, olhando-as de maneira relacionada (FIGURA 1).

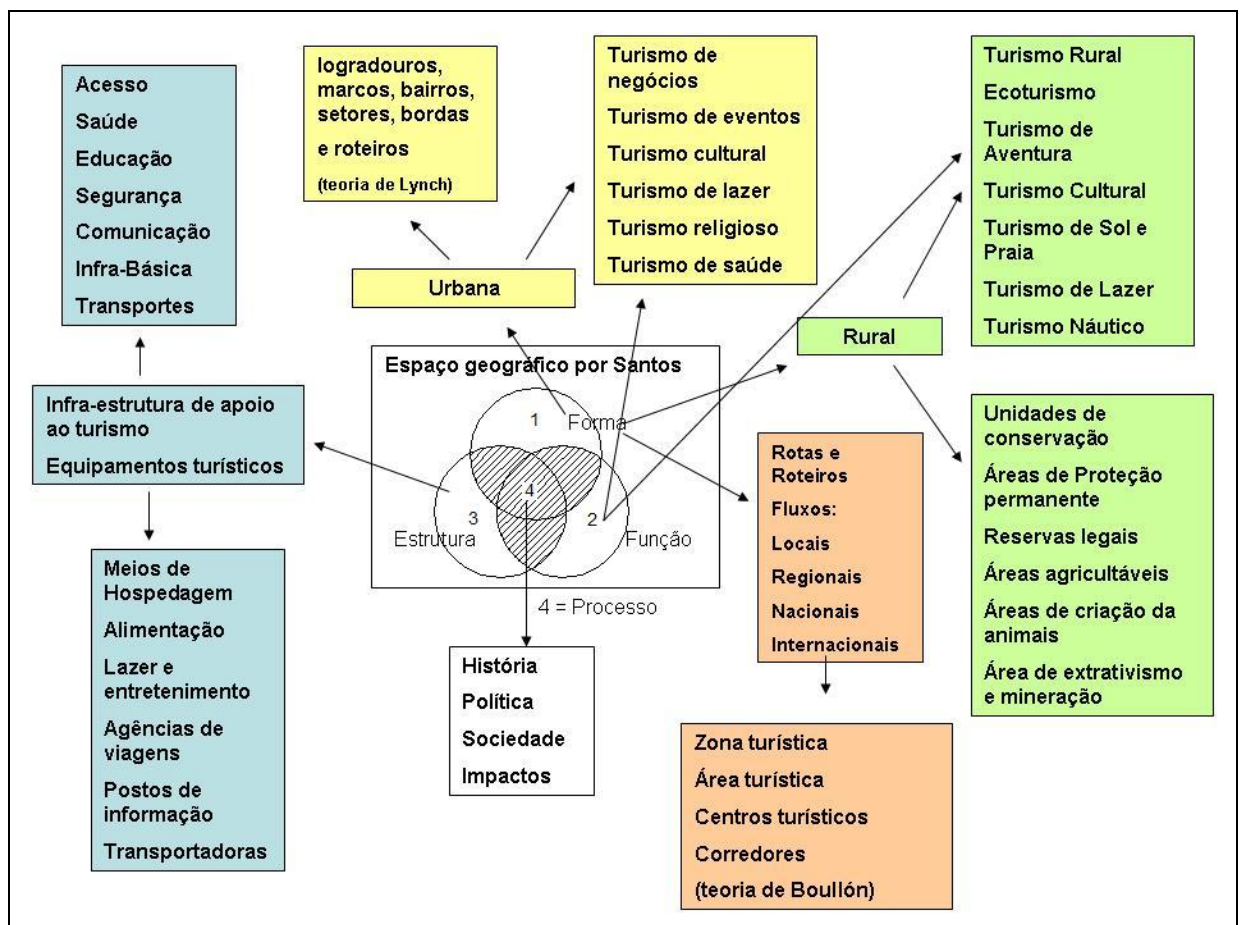


FIGURA 3 – Esquema síntese para compreensão do espaço turístico
Fonte: elaboração própria, 2010.

O esquema parte das categorias de análise de Milton Santos sobre o espaço geográfico. Cabe ressaltar que este foi um pensador “esquerdista”, até radical, dedicado a estudar o subdesenvolvimento frente à globalização, então não escreveu sobre turismo ou o evidenciou positivamente em suas explanações. Mesmo assim, pode-se partir de sua teoria do espaço geográfico para se entender o espaço turístico.

Da **forma** – parte-se dos ambientes urbano e rural. No urbano, pode-se observar o espaço por meio da teoria de Lynch de 1960 (1997) que destaca os logradouros, marcos, bairros, setores, bordas e roteiros. No rural, pode-se observar a organização territorial com as unidades de conservação, áreas de proteção permanente (mata ciliar, topos e encostas de montanhas, etc), reservas legais, áreas agricultáveis, áreas de criação de animais e de extrativismo e mineração. No ambiente rural desenvolve-se o turismo rural, o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo cultural, de sol e praia, de lazer e náutico. Também a forma da mobilidade neste espaço: rotas e roteiros, fluxos locais, regionais, nacionais e internacionais. Também, pode-se recorrer à teoria do espaço turístico de Boullón, que define principalmente: zona turística, área turística, centros turísticos e corredores turísticos.

Da **função** – De acordo com os atrativos turísticos e seus equipamentos pode-se observar a função turística. No urbano, pode-se observar os segmentos do turismo que tendem a se desenvolver: de negócios, de eventos, cultural, de lazer, religioso e de saúde. No ambiente rural, o turismo desenvolve o turismo rural, o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo histórico-cultural, de sol e praia, de lazer e náutico.

Da **estrutura** – elementos da oferta turística como a infraestrutura de apoio ao turismo, serviços e equipamentos turísticos essenciais para o desenvolvimento do Turismo.

Do **processo** – analisando história, política, sociedade e impactos. Estes temas são fundamentais para o diagnóstico do espaço turístico com sua compreensão de passado, presente e projeções de futuro.

O esquema apresentado veio apresentar a complexidade das relações no espaço turístico evidenciando que o estudo na Geografia possui vastas possibilidades que já vem sendo investigadas estruturando a Geografia do Turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma área do conhecimento para ser proeminente, necessita de pesquisas sólidas que dêem base para discussões entre seus pares e com outras áreas do saber. O dinamismo é marca do desenvolvimento científico, e nestes tempos a velocidade de transformação das realidades é alta.

O Turismo aparece como temática em evolução. E encontra na Geografia oportunidade para aprimorar sua compreensão. Dentre diversas rotulagens, a Geografia do Turismo surge para ser pensada dentro de uma ciência que historicamente liga-se a estudos do meio físico, e quando há um olhar para a sociedade, evidenciam-se os movimentos sociais e as minorias. O Turismo é caracterizado como atividade da elite, das classes privilegiadas. Em contraposição a este pensamento, os especialistas evidenciam a importância do lazer e do turismo para todos os cidadãos. Que se pode viajar para perto de casa retornando no mesmo dia em uma excursão planejada, assim como se pode viajar dando uma volta ao mundo. Os deslocamentos que fazem parte do fenômeno turístico são as mais variadas e requerem aprimoramento investigativo, formando fluxos também de conseqüências variadas e essas características de análise encaixam-se na ciência geográfica.

Neste contexto, observa-se a riqueza das temáticas tratadas dentro desta possível e já observada Geografia do Turismo que é recente e em forte desenvolvimento quanto a sua produção acadêmica no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALBACH, V. M. **Panorama da pesquisa em Turismo nos mestrados em Geografia do Brasil**: o caso do mestrado em Geografia da UFPR. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, 2010.
- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do Espaço Turístico**; tradução Joseli Baptista. EDUCS, 2002.
- CASTRO, N. A. R. **O lugar do turismo na ciência geográfica**: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Geografia Física Universidade de São Paulo, 2006.
- CASTROGIOVANNI, A. C. *et al* (Org.). **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CORIOLOANO, L. N. M. ; MELLO E SILVA, S. C. B. **Turismo e Geografia**: abordagens críticas. Fortaleza: Ed.UECE, 2005.

- CORRÊA, R. L. **Análise crítica de textos geográficos**: breves notas. GEO UERJ Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 14, p. 7-18, 2º semestre de 2003.
- CORRÊA, R. L. Entrevista com o prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa – UFRJ. Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis - SC, Nº01, p. 01-14, jun/2005.
- DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura:1998.
- GERARDI, L. e SILVA, B. C. N. Metodologia científica e pesquisa em Geografia. In: **Quantificação em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1981.
- MOESCH, M. **O fazer-saber turístico**: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL, S. (org) **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. 3ª ed. Porto Alegre, 2002.
- OMT. **Introdução à metodologia da pesquisa em turismo**. São Paulo: Roca, 2005.
- PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph: 2005.
- PEARCE, D. G. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.
- REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica**: pensamento internacional x situação brasileira. Campinas-SP: Papyrus, 1996.
- RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4ª ed. São Paulo: Hucitec: 1998.
- VERA, J. F (coord.) *et. al.* **Análisis territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.